

Indústria britânica recomenda investir no Brasil

Líder empresarial propõe correção do real em "dose única" logo após a realização de um ajuste fiscal

Economia - Brasil

Fernando Dantas
de Londres

O diretor-geral da Confederação da Indústria Britânica (CBI), Adair Turner, disse ontem em Londres que o Brasil deveria considerar a possibilidade de "uma pequena desvalorização (do real), feita de uma vez só", mas somente depois que o déficit público fosse substancialmente reduzido, e a situação fiscal estivesse inteiramente sobre controle. Turner visitou recentemente o Brasil, de 19 a 25 de setembro, e se encontrou com presidente Fernando Henrique Cardoso, com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e com o presidente do Banco Central (BC), Gustavo Franco.

Turner ressaltou que não acha que o real esteja muito sobrevalorizado, e que um déficit em conta corrente de 4% do Produto Interno Bruto (PIB) não é tão grande, considerando-se a maciça entrada de investimentos estrangeiros diretos no Brasil. Mas ele acha que o governo deveria manter a "mente aberta" para a possibilidade futura de uma pequena desvalorização, que não teria sentido "até que, ou a não ser que" haja um ajuste fiscal.

Ontem, em palestra na Canning House, uma instituição dedicada à América Latina, ele louvou a vitória de Fernando Henrique Cardoso nas eleições presidenciais. Segundo Turner, diante da crise financeira global que ameaçou o Brasil, Fernando Henrique não fez "promessas irresponsáveis", mas deixou claro que agiria de forma "dura", o que lhe dá "autoridade moral" para conduzir o esforço fiscal necessário para restaurar a confiança no País. Em sua conversa com o presidente sobre a resposta do Brasil à crise, Fernando Henrique comportou-se como "um modelo de calma confiança".

Turner traçou um quadro otimista das perspectivas brasileiras a médio e longo prazo e recomendou às empresas britânicas considerar atentamente a possibilidade de investir no Brasil, "independentemente do que acontecer no curto prazo". Ele se disse impressionado com "enorme

escala de oportunidades e potencial de médio e longo prazo no Brasil".

Turner observou que apesar de estarem ausentes da última leva de grandes privatizações brasileiras, talvez por considerarem os preços pagos excessivos, as empresas britânicas têm uma presença forte no País. Ele citou vários exemplos recentes, como um investimento da Glaxo Wellcome no Estado do Rio, e a participação da British Gas no gasoduto Brasil-Bolívia. Os principais setores onde os investimentos ingleses devem aumentar são petróleo, gás e abastecimento de água, mas Turner acha que as oportunidades estão espalhadas por todos os segmentos da economia.

O diretor da CBI observou que o Brasil é um País em que existe uma dissociação particularmente intensa entre a imagem externa e a realidade. No seu caso pessoal, tratando-se da primeira vez que foi ao Brasil, Turner disse que todo o acesso prévio a informações e números sobre o País não o impediram de ficar surpreso com "a sofisticação e a pro-

fundidade da comunidade de negócios brasileira, com a sofisticação do processo de formulação de política econômica e com o tamanho da classe média".

Isso contrasta, continuou, com o foco negativo da cobertura sobre o País na imprensa internacional, que sempre realça questões como crianças de rua, destruição de florestas, favelas e a desigualdade social. Até hoje, disse, muitas pessoas continuam a associar o Brasil à hiperinflação.

Referindo-se às freqüentes comparações entre o Brasil e a Rússia desde o início da última rodada de turbulências financeiras internacionais, o diretor da CBI disse que "não há qualquer tipo de semelhança (entre os dois países)". No caso da Rússia, país que conhece bem, Turner vê uma sociedade com grande potencial para o florescimento do capitalismo, mas que ainda se vê às voltas

com problemas muito básicos, como a incapacidade do Estado arrecadar impostos e a inexistência de uma cultura empresarial que garanta valores como a confiança nas transações econômicas. "A cultura e a profundidade da sociedade civil e comercial é de vital importância para uma economia de mercado", disse, referindo-se ao Brasil, em contraste com a Rússia.

O Brasil também tem, continuou, alguns dos problemas responsáveis pela crise dos países asiáticos no ano passado, como

empresas superalavancadas, excesso de investimentos imobiliários e transações incestuosas entre bancos, empresas e governo.

A atual turbulência financeira global, segundo Turner, está fazendo com que países com sérios problemas nos fundamentos, como a Rússia e algumas nações do Leste asiático, contaminem países com

bons fundamentos, mas que têm falhas específicas, como o caso do déficit público de 7% no Brasil.

Mesmo ciente da complexidade do ambiente político no Brasil, o diretor-geral da CBI acha que quanto mais rápido o governo apresentar e implementar um programa de consolidação fiscal, melhor. Ele observa que o Brasil vem sendo penalizado por um círculo vicioso, em que os altos juros pagos por conta da insegurança gerada pelo déficit público são o principal fator de deterioração fiscal. Um ajuste fiscal primário de dois ou três pontos do PIB teria a vantagem de tornar virtuoso o círculo, produzindo uma melhora nas contas públicas bem maior, ao permitir a queda dos juros.

Em relação ao pacote de apoio ao Brasil sendo articulado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e G-7, Turner disse que os Estados Unidos e a Europa tem um "enorme interesse" em evitar uma crise no Brasil, que poderia afetar outros países da América Latina, como Chile e Argentina.

Para Turner, o quadro das perspectivas para a economia brasileira a médio e longo prazo é de otimismo